

O PAPEL DO LÉXICO NA ANÁLISE DO DISCURSO

Fabiana Ferreira do Nascimento – UFPE

Visualizaremos, neste texto, o modo como as escolhas lexicais produzem efeitos de sentido dentro de um determinado enunciado, não observando apenas o contexto, e sim a Formação Discursiva, ou segundo Pêcheux, a Formação Ideológica da qual os “participantes” comungam na materialização do discurso.

Inicialmente, quando evocamos o princípio da Interincompreensão discursiva, terminologia proposta por Dominique Maingueneau (própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas), percebemos o quanto utilizamos um vocabulário, muitas vezes igual, contudo com “atualizações” semânticas opostas – sinal de que, aquilo que um grupo entende como sendo o significado de determinadas palavras ou expressões não é o que o outro grupo, que possui uma formação ideológica diferente, entende; há constantemente uma falha na “tradução” dos enunciados – eles, portanto se “interincompreendem”.

Segundo Maingueneau:

Cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado os semas ‘positivos’, reivindicados; de outro, os semas ‘negativos’, rejeitados. A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro, traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do Outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o outro como tal, mas somente como o simulacro que constrói dele. (MAINGUENEAU, 2005, p. 103)

Nesta análise que propomos, em princípio, perceberemos vários “níveis” de uso do léxico, pois abordaremos uma escolha lexical **comum** aos dois discursos antagônicos, um léxico **próprio**, que demonstra afirmação de cada formação discursiva e por fim **criações lexicais** que enfatizam, delimitam e reforçam suas respectivas Formações Ideológicas.

Na Análise do Discurso, a visão que predomina sobre os aspectos lexicais não diz respeito à bipartição LEXEMA x VOCÁBULO e sim à readaptação conceitual dessa “polêmica” em função de critérios semântico-referenciais, já que se lhe opõe “a palavra que funciona em um discurso (e provida, por consequência, de um sentido preciso, de uma referência atual)” (Mortureaux, 1997:12) à qual se atribui o nome vocábulo, e “a palavra repertoriada no léxico da língua (provida de uma significação, de uma referência virtual)” (ibid.) à qual se reserva o nome de lexema. O uso conceitual de VOCÁBULO é bem mais pertinente então para o analista do discurso, já que nesta esfera se necessita da atualização semântica constante dos vocábulos dadas as formações discursivas distintas que se utilizam deles.

Objetivamente, focaremos dois espaços discursivos bem delimitados (CONTRASTIVOS): o discurso conservador da igreja católica (discurso religioso) e o discurso do movimento de mulheres, associação de juízes, organização de profissionais de saúde e políticos (discurso social).

Para tornar a análise mais pontual, serão enfocados fragmentos de textos, de ampla divulgação no país, sobre um fato ocorrido na cidade de Alagoinhas – Agreste de Pernambuco – onde uma criança de 9 anos (que já vinha sendo violentada pelo padrasto desde os 6 anos) engravidou de gêmeos e fez um aborto legal. Diante desse cenário e das análises discursivas que serão feitas, ficará claro o posicionamento ideológico de cada um dos universos enunciativos envolvidos.

ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS

Exemplo 1

De acordo com os médicos, a menina que tem 1,33m e pesa 36Kg não apresentava estrutura física que sustentasse a gravidez. Segundo eles, a paciente corria risco de vida caso a gestação continuasse. Além disso, a legislação brasileira permite o aborto em vítimas de estupro até a vigésima semana de gestação. (LEONARDO GUANDELIN, O Globo, 04/03/2009)

Vê-se, a partir da materialização do discurso acima, que se expõe a opinião, os valores e a representação da comunidade discursiva dos médicos, associação de mulheres e afins que será veementemente repudiada pelos representantes da igreja, assim como ignorarão os argumentos dos seus opositores ideológicos.

Exemplo 2

Nesta quarta-feira, o arcebispo de Olinda e Recife Dom José Cardoso Sobrinho excomungou os médicos envolvidos no aborto. “A lei de Deus está acima de qualquer lei humana. Então quando uma lei humana, quer dizer, uma lei promulgada por legisladores humanos, é contrária à lei de Deus essa lei não tem nenhum valor”. Disse o Arcebispo. (Jornal Urgente on line, 06/03/2009)

Constatamos o efeito obtido pelos enunciados acima – exemplo 1 e exemplo 2 – no primeiro fragmento, os enunciadores estão preocupados com a defesa dos direitos da cidadã a qual possui todas as prerrogativas previstas nos diversos códigos de leis existentes; por outro lado, com o intuito explícito de defender sua comunidade discursiva e, ao mesmo tempo, desqualificar o discurso de seus opositores, o Arcebispo utilizou palavras do mesmo campo semântico, porém com atualizações discursivas diferentes.

Para que um discurso se oponha ao outro explicitamente, observa-se o uso de adjuntos adnominais relativos às palavras LEGISLAÇÃO (EX. 1) e LEI (EX. 2): Legislação brasileira; Lei de Deus e Lei dos homens.

De acordo com a formação discursiva dos médicos, associação de mulheres, juízes etc., a única exploração semântica que condiz com a palavra *legislação* e afins é a LEGISLAÇÃO VIGENTE NOS CÓDIGOS BRASILEIROS. Já para o Bispo, a lei tem sua significação limitada à lei de Deus, que, para defendê-la e enfatizá-la, além do uso constante de adjuntos adnominais, lançou mão de um silogismo perceptível a partir da leitura do segundo exemplo: **Se apenas a Lei de Deus é valorosa, e você não a defende, então você não é de Deus; não está com Deus. Ou Se a lei de Deus é a verdadeira e você não a segue, então você não está com a**

verdade. Fica claro na inferência do fragmento que o discurso do Bispo se reveste, neste momento, do ethos do doutrinador, do professor coativo.

Exemplo 3

De acordo com D José: *“a menina engravidou de maneira totalmente injusta, mas devemos salvar vidas. A igreja sempre condenou e vai continuar condenando o aborto.”*. (LEONARDO GUANDELIN, *O Globo*, 04/03/2009)

O vocábulo a ser observado agora é VIDA. Quando nos remetemos ao exemplo 3, concluímos que o aspecto semântico-lexical observado aqui é bastante limitado, convenientemente, pois se restringe à vida dos bebês. Por nenhum momento é utilizada a palavra *vida* dirigindo-se à menina-“mãe”. O oposto, é claro, é utilizado no discurso social (inferência feita a partir da observação do exemplo 1). A limitação significativa também existe, contudo voltada apenas para a *vida* da menina-gestante, e tal referência é feita, dessa forma, inclusive para justificar o aborto, pois, se os fetos fossem entendidos pelo grupo social como portadores de vida, o aborto não seria a solução para o problema posto em questão.

Exemplo 4

“Por volta das 9 horas da manhã, nosso sonho de ver duas crianças vivas se foi, a partir de um ato de manipulação de consciência, extrema negligência e desrespeito à vida humana.” (Pe. ÉDSON RODRIGUES, padreedson.blogspot.com, 06/03/2009).

Esse numeral “duas” que foi utilizado no enunciado acima não deixa dúvidas de que o referente para a palavra vida é apenas “os bebês”, já que a criança estava grávida de gêmeos e a única vida salva nesta história foi a dela. O exemplo 4 não deixa dúvidas sobre a recorrência do uso do vocábulo vida devidamente atualizado semanticamente para atender às necessidades de representação ideológica, neste caso, da igreja.

Percebe-se, a partir de fragmentos anteriores, que o discurso social trata a garota de nove anos... Sempre como PACIENTE; isso faz com que os co-enunciadores concluam que quem é paciente precisa de ajuda médica e esta lhe foi dada. Já a escolha lexical MENINA provoca um efeito discursivo mais ameno, que, em contraposição à paciente, transmite saúde. Escolha lexical diferente = consecução de sentidos diferentes; o mesmo ocorre com os exemplos a seguir:

Exemplo 5

Questionada pelos membros do conselho tutelar, que manifestaram que todos os envolvidos estavam preocupados pelas vidas das três crianças, a assistente retrucou imediatamente: “AQUI NÃO HÁ TRÊS CRIANÇAS, SÓ EXISTE UMA CRIANÇA, O RESTO SÃO APENAS EMBRIÕES”. Assistente Social do IMIP (PORTAL DA FAMÍLIA, 2009)

Exemplo 6

“A menina queria os bebês e teria se prontificado a cuidar deles junto com a irmã mais velha de 14 anos.” Rilane Dueire – advogada da arquidiocese de Olinda e Recife. (PORTAL DA FAMÍLIA, 2009)

Conclui-se que as escolhas lexicais: EMBRIÕES E BEBÊS dos exemplos 4 e 5 trouxeram cargas semântico-enunciativas convenientes para um e outro discurso. Todavia, no exemplo 5, o vocábulo *resto* e o modalizador *apenas* se dispuseram a indicar falta de relevância demonstrada pelo enunciador em relação ao referente.

Por fim visualizaremos alguns exemplos em que o discurso religioso cria alguns vocábulos pelo processo da derivação tanto prefixal, quanto sufixal a fim de que possa repertoriar o discurso contra o aborto de modo mais incisivo:

Exemplo 7

“Descoberto que grupos abortistas forçaram a menina de nove anos, de Alagoinhas, grávida de gêmeos, a abortar”. “Um grupo de uma entidade chamada Curumins, de mentalidade feminista pró-aborto acompanhado de dois técnicos da secretaria de saúde teriam ido ao imip...” (PORTAL DA FAMÍLIA, 2009)

ABORTISTAS:

- ▶ Abort = radical
- ▶ istas = sufixo que significa *agente de*

PRÓ-ABORTO

- ▶ Pró = prefixo que significa a favor de
- ▶ Aborto = radical

Enfim, concluímos que não há muito sentido em falar do vocabulário deste ou daquele discurso como se de forma obrigatória houvesse um léxico próprio para cada discurso. É fato que o que mais ocorre são explorações semânticas diferentes, adversas das mesmas unidades lexicais por diferentes discursos. Isso quer dizer que, em análise do discurso a palavra nem sempre constitui uma unidade de análise pertinente.

Às vezes, como constatamos no decorrer do recorte que fizemos de alguns textos (sem querer fazer uma análise lexicográfica), encontramos vocábulos que são mais frequentes em alguns discursos e em outros não. Isso ocorre dada a sua cristalização semântico-social. Seria reducionista pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas “virtualidades de sentido em língua”. Entre vários termos aparentemente equivalentes, os enunciadores são levados a usar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo.

Quando o repertório vocabular é insuficiente para aquela específica formação discursiva explicitar seu ponto de vista sobre um dado assunto, ocorre a criação lexical que torna aquele enunciado único, particular e funcional, havendo o enaltecimento de uma ideologia e a desvalorização da ideologia opositora. E independentemente do processo de escolha lexical feita por determinada comunidade ideológica nunca haverá congruência no traduzir o discurso do

outro, isso será feito no interior de cada formação discursiva, gerando assim a interincompreensão discursiva. Sem ela não existiria a constatação da existência das diversas formações ideológicas.

Referências Bibliográficas

AO URGENTE. *Lula protesta contra decisão da igreja católica em caso de estupro em Pernambuco*. Audienciaonline.wordpress.com. (06/03/2009)

CFEMEA. *Coletiva sobre caso da menina de Alagoinha em Brasília (DF)*. Grupocurumim.blogspot.com.br. (12/03/2009)

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário da Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Curitiba, Criar Edições (2005).